

«[...] para que um dia [o galego] chegue a unificar-se com o português, a Universidade de Santiago criou um Instituto de Estudos Portugueses [...]. As Irmandades da Fala estão ultimando um vocabulário castelhano-galego, por onde se vê que não existe vocábulo [...] português que não seja galego. [...] devia organizar-se um congresso linguístico [...] para resolver a criação dum organismo que vele pela pureza da língua e pela sua unificação». Antom Vilar Ponte (1881-1936), entrevista publicada no *Diário de Lisboa* a 10 de Julho de 1933.

EDITORIAL



Concentração polo Dia do Orgulho Lusista e Reintegrata (25 de Maio de 2007).

Com orgulho, sem complexos: em galego!

Como no I Dia do Orgulho Lusista e Reintegrata, no Dia da Pátria continuarão sem complexos celebrações pola língua

Como todos os anos, em 25 de Julho celebramos o Dia da Pátria. Habitualmente o discurso centra-se nos aspectos políticos, esquecendo tratar da situação linguística do País, na que umha parte importante dos cidadãos estamos marginalizados por dous motivos. O primeiro, por reivindicarmos sem ambagens a plena normalização do galego. O segundo, por defendermos a identidade, a unidade, entre o galego e o português, por acreditarmos no nosso idioma como elemento de coesão identitária e como ferramenta de comunicação internacional. Há exactamente dous meses, a 25 de Maio, organizações lusistas e reintegracionistas, entre as

quais o grupo compostelano da AGAL, celebraram na capital nacional umha jornada de celebração do idioma sem quaisquer complexos: o I Dia do Orgulho Lusista e Reintegrata. O acontecimento juntou dúzias de galegas e de galegos que, sob o lema «Não entre em pânico, nom!», celebraram com orgulho e sem complexos o seu amor pola língua e polo País. Um sucesso de participação que nom ficou apenas 'na casa', mas que tivo também a sua merecida repercussão mediática. Esse é o caminho, nom só para o Dia da Pátria, mas para o resto do ano. Com orgulho da nossa galeguidade, sem complexos: em galego! /C

AVANÇO

| INTERNACIONAL |

João Aveledo / Latinos numa área predominantemente eslava, a proximidade cultural entre romenos e moldavos é óbvia. Porém, uma complexa História tem dado lugar a um processo de encontros e desencontros linguísticos entre ambos.

Após a dominação turca (1538-1812), a Bessarábia (região que compreendia a maior parte da actual Moldávia) foi ocupada pela Rússia (1818). Os Czares converteram o russo no único idioma oficial da administração e do ensino, ficando relegada a fala do país aos âmbitos rurais.

O Ressurgimento moldavo começa com o século XX, mas a imensa maioria dos intelectuais que o protagonizam estão alfabetizados em russo e é por isso que para escreverem o seu idioma empregam o alfabeto cirílico, próprio das línguas eslavas, e não o latino. Como consequência da I Guerra Mundial, a Bessarábia vai ficar incluída, sem contar com a vontade popular, na Grande Roménia. / (Página 2...)

FALAMOS DE...

- **MOLDÁVIA** ou o triunfo do reintegracionismo / 2
- **USO CORRECTO** dos pronomes e algumas dicas (II) / 3
- **O HUMOR** de Suso Sanmartín / 3
- **CARLOS QUIROGA** explica porque é reintegracionista / 3
- **ESCRITA INTERNACIONAL**, artigo de José Ramon Flores / 4

ACTUALIDADE LINGÜÍSTICA

▶ **16-06-2007** / Eleito novo Conselho da Associação Galega da Língua (AGAL), presidido polo sociólogo Alexandre Banhos.

▶ **17-05-2007** / Publicadas actas do V Colóquio Anual da Lusofonia, voltado para a Galiza. / Fundação Artábria comemora Dia das Letras galeguizando várias ruas de Ferrol.

▶ **19-05-2007** / Sindicato Galego de Jornalistas denuncia que muitos profissionais da comunicação nom som livres para utilizarem o idioma do País.

▶ **24-05-2007** / MDL inicia ciclo de conversas «Conhece o teu Mundo».

▶ **15-06-2007** / Novo número comemora 22 anos da revista Agália.

▶ **22-06-2007** / I Encontro de voluntários/as e aprendentes do Voluntariado pola Língua de Compostela.

▶ **25-07-2007** / Novas da Galiza apresenta suplemento de humor O Pasquim.

ESQUISITICES

“ El decreto [sobre o galego no Ensino] no equipara [...] el número de horas impartidas en gallego con las impartidas en castellano. [...] impone que como mínimo el 50% de la docencia será en gallego. [...] es evidente que la voluntad de la misma es que lo habitual sea que más del 50% de la docencia se imparta en gallego, lo que supone una situación no de equilibrio entre las dos lenguas oficiales, sino de desequilibrio a favor de una de ellas, pasando por encima de la voluntad y de los derechos individuales de los padres y alumnos afectados». LUIS MÍGUEZ MACHO, columnista español. **04/07/2007**

INTERNACIONAL

Moldávia ou a vitória do reintegracionismo

João Aveledo / (... página 1)

Mas já em 24 é criada uma artificial República da Moldávia no interior da Ucrânia. Tácticamente, os soviéticos estavam a preparar a reconquista do território perdido. Focando, pretensamente, para a construção nacional de uma Moldávia socialista, impulsou-se desde Moscovo um processo de “moldavização”, no que a criação de uma língua moldava diferenciada do romeno foi objectivo estratégico.

Chior e Madan normativizaram o moldavo utilizando a ortografia cirílica e uma terminologia que, quando não era decalcada do russo, recorria ao que nós chamaríamos “hiperenxerbrismos”. No entanto, esta “molda-

teria de vir a Perestroika e logo a independência em 94, para que na

Em Transnístria, uma região sob a protecção do Kremlin, o reintegracionismo continua perseguido

Moldávia fosse adoptado, por fim, um padrão linguístico basicamente comum com o romeno e escrito, é claro, com caracteres latinos.

Em toda a Moldávia? Não. Na



Mapa de Compostela e terras vizinhas. Estes seriam os topónimos oficiais de uma Galiza ‘rusa’.

vização” seria abortada polo estalinismo, que acusou os seus líderes de inimigos do povo por tentarem “separar a cultura moldava da benéfica influência de russos e ucranianos”. Logo, com o final da II Guerra Mundial, chegaria a anexação manu militari da Bessarábia alargada e um “biingüismo harmónico”, no que o moldavo ficava como simples satélite do russo, a língua do poder e do exército. Em 60 reabriu-se a porta dos intercâmbios culturais entre a Roménia e a Moldávia e, conseguintemente, o debate entre isolacionistas e reintegracionistas. No entanto,

maioritariamente eslava Transnístria, uma região que desde 91 funciona, de facto, como estado independente (sob a protecção do Kremlin), o reintegracionismo continua perseguido e no moldavo só é permitida a ortografia cirílica. Para além de múltiplos matizes e diferenças, os paralelismos entre os casos moldavo e galego resultam evidentes e é que o imperialismo cultural, chame-se czarismo, estalinismo, franquismo ou constitucionalismo, age sempre de forma parecida. /C

+ Mais informação:

<http://webs.uvigo.es/agal/pdf/vrfmoldavos.pdf>

HUMOR

| Suso SANMARTIN |



Este desenho é a versão em branco e preto do quadrinho publicado no número 1 d' *O Pasquim*, suplemento de humor do *Novas da Galiza* (Julho-Agosto de 2007).

Coordenam a publicação Xico Paradelo e o próprio Suso Sanmartin.

Neste primeiro número colaboram também o colectivo *Pestinho +1*, Gonzalo Vilas e Bruno Ruival.

APONTAMENTOS LINGÜÍSTICOS

A colocação do pronome (II)

E.S.M. / A colocação do pronome é um desses traços que, como já tínhamos dito no número passado, melhor simboliza o grau de castelhanização do galego. Contudo, quando se exemplifica a colocação errada que caracteriza a fala das pessoas neofalantes, amiúde esquecemos que também as pessoas que temos o galego como língua materna damos um bom número de erros.

Muitos som por lapso inconsciente, afectando só determinadas construções (como por exemplo o caso de 'me parece que' em lugar de 'parece-me que'). Outros atingem regras completas, como o que queremos explicar-vos hoje: trata-se da colocação do pronome com o infinitivo, flexionado ou nom. Repara nos seguintes exemplos:

- *Traz sementes para lhe dar de comer ao canário.*
- *Traz sementes para dar-lhe de comer ao canário.*

Nengumha das frases anteriores é incorrecta. Porém, é evidente que à medida que avançamos para as gerações mais novas, a segunda torna-se mais comum.

Isto nom quer dizer que todos os galego-falantes nascidos nos últimos vinte anos a tenham deixado de usar, mas é muito menos frequente, desaparecendo totalmente nos e nas

falantes urbanas. Em Portugal, que sempre devemos ter presente, a primeira frase é quase a única possível na língua coloquial, podendo usar-se as duas na língua escrita. A evidência da influência do espanhol na preferência da segunda na actualidade nem sequer é preciso defendê-la.

Para os que queirades recuperar este uso para o vosso galego, imos dar-vos umha regra mui singela. Sempre que houver um *infinitivo* com *pronome* precedido de *preposição*, devemos colocar o *pronome* entre a *preposição* e o *infinitivo*. Só há umha excepção, quando a *preposição* é a e o pronome também é a:

- *Sem me dares umha explicação, nom te levo.*
- *Nom gostou de ti, por lhe teres virado as costas.*
- *Para o fazeres bem, tens de utilizar umha régua.*
- *Prefiro vê-la sorrir a vê-la chorar. (Só neste caso é melhor colocar o pronome depois.)*

Nos casos anteriores pode ver-se bem, aliás, a íntima ligação do uso desta estrutura com o *infinitivo flexionado*, também em declínio entre as pessoas mais novas. A decadência de umha estrutura pode influir na decadência de outra, mas isso podemos deixá-lo para um próximo capítulo. /C

PORQUÊ SOU REINTEGRATA?

== | CARLOS QUIROGA | ==

Devia justificar só quem sendo galego nom for reintegrata. Mas às portas do Augusto Agosto, pergunta tautológica requer resposta quente: quando se chega a certa idade, e se conhece língua, história da GZ, se vê e antevê, ou se é reintegrata ou estúpido. Cabe ainda marimbar-se no lucro. E ser arguta, interesseira e estupidamente castelhanista. Algo que pode também ser o míope galeguista. Como já mestre Carvalho advertia, é razoável que até este revele às vezes no seu radicalismo o seu razoável castelhanismo: o nacionalismo que propugna o isolamento do galego é inconsciente manifestação da vassalagem ao ponto de vista castelhanista.

Isolar o galego é inconsciente manifestação de vassalagem ao ponto de vista castelhanista

Enfim. Sou porque sou consciente, portanto. Álvaro de Campos diria m e l h o r (merda, sou lúcido). Sou

porque nom sê-lo seria contribuir à hibridação e degeneração da espécie a que pertence o que falo. E eu quero falar mais e melhor o que falo, nom abastardá-lo. Liquidá-lo. Sou reintegrata por ter umha opinião lingüística bem fundamentada. Diferente da legal.

E isso também me subleva. Porque também gosto da liberdade. Porque a ortografia é gente. Depois, a lucidez chega devagar, de aprender, de viajar. Ouvir línguas. Variantes. E o contacto do português. Fundamental. A raiz profunda nesta terra abre-se entom ao mundo. Falas em galego com africanos, americanos. Boom. Um dia a evidência estoura na tua cabeça melhor que Murguia ou Castelao. Boom. E já nom tem sentido abastardar o que escreves. Por passado e por futuro. Com presente. /C

CARLOS QUIROGA é professor de Literatura Portuguesa e director da revista *Agália*.

Escrita internacional

J. Ramon Flores das Seixas / Há na Galiza muitas pessoas convencidas de que a proposta ortográfica prescrita pola RAG é genuinamente galega: derivada da latina e acomodada às falas actuais. A única solução lógica a partir dessas duas premissas. O que explica a rejeição frontal dessas pessoas da proposta reintegracionista.

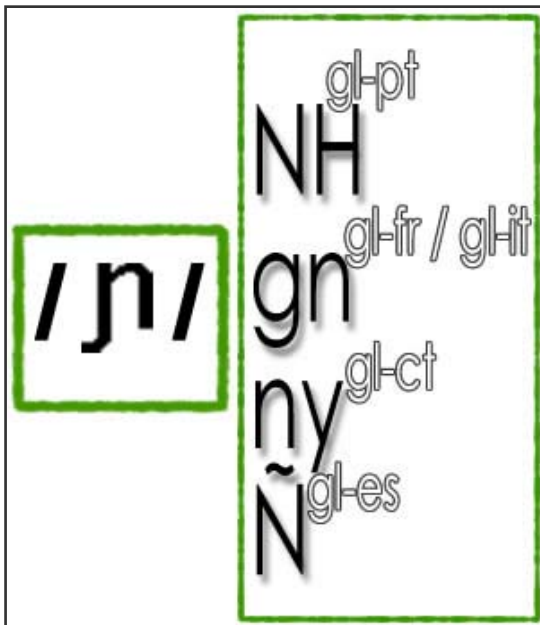
Umha maneira de lutar contra esta inverdade é mostrar como a partir da escrita latina podem derivar-se muito diversas soluções lógicas para a transcrição das falas galegas. E para isso o melhor é aproveitarmos as diversas grafias romances que, derivadas todas elas da *lingua mater*, se têm desenvolvido historicamente.

Assim no quadro anexo mostra-se umha proposta de como seria transcrito um breve texto galego tomando como base as tradições da escrita: catalá, francesa, e italiana. Podemos imagina-las como transcrições que um antropólogo --catalám, francês ou italiano-- , sem mais conhecimentos de tradições ortográficas que a sua pró-

pria, fai dum relato oral dum aborígene galego. Ou bem um exemplo de como seriam escritas as falas galegas imaginando umha ucronia na qual a Galiza tivesse como língua oficial, dumhas quantas gerações, algumha das 3 línguas antes ditas. Para facilitar a comparação inclui-se também o texto na norma AGAL e na ILG-RAG.

Reconheço que o meu conhecimento destas línguas é muito superficial, existindo em qualquer caso várias formas possíveis de realizar as transcrições, especialmente para o francês. Mas c o n t u d o estou convencido que as possíveis transcrições que faria alguém nas condições descritas,

nom seriam no global muito diferentes. Mesmo animo o leitor a experimentar a introduzir estes breves trechos num sintetizador de voz (Natural Voices ou Cepstral por exemplo), escolher a língua correspondente, e escutar por si mesmo os resultados. Evidentemente para que o sintetizador interprete correctamente o texto ILG-RAG nom há mais que escolher o castelhano./C



ORIGINAL

Chovia. Quigem apurar, mas o caminho ficara cheio de folhas de carvalho e escorreguei. Agarrei-me a umha póla, mas estava podre e quebrou. Afinal caim de focinhos, batendo contra umha pedra, e rompendo quatro costelas.

GALEGO CATALÃO

Txovia. Quixen apurar, mas o camiño ficara txeo de follas de carballo e escorreguei. Agarrei-me a un-na pòla, mas estava podre e quebrou. Afinal cain de focinyos, batendo contra un-na pedra, e rompendo quatro costelas.

GALEGO FRANCÊS

Tchovia. Quichein apourar, masse o camignau ficara tcheo de fauillage de carvaillau et escorreguey. Agarrey-me a oung-a pòla, masse estava pòdres et quebrôou. Afinal caïn de fozignosse, bateindo contra oung-a pèdra, e rompeindo quatro costellasse.

GALEGO ITALIANO

Ciovia. Chiscen apurar, mas o cammigno ficara ceo de foglias de carbaglio e escorreghei. Agarrei-me a unna pola, mas estaba podre e chebrou. Afinal cain de fozignos, batendo contra unna pedra, e rompendo quatro costelas.

ILG-RAG

Chovía. Quixen apurar, mais o camiño ficara cheo de follas de carballo e escorreguei. Agarrei-me a unha póla, mais estaba podre e quebrou. Afinal caïn de fociños, batendo contra unha pedra, e rompendo catro costelas.